Colocar-se diante do mundo: convergências pedagógicas entre Turismo e Geografia

*Maurício Ragagnin Pimentel**

*Adriana Dorfman***

Resumo: O texto a seguir apresenta a experiência didática gerada pelo encontro do ensino de Geografia e de Turismo no ambiente do Colégio de Aplicação no segundo semestre de 2008. No âmbito do 'Enriquecimento Curricular: Turismo na Grande Porto Alegre – Bases Geográficas', reuniram-se propostas de exploração da Região Metropolitana de Porto Alegre informadas pelos conceitos de espaço, território, lugar, bairro, memória, roteiro, atrativo turístico, entre outros. Como instrumental utilizado lançou-se mão da cartografia temática, da inventariação de elementos turísticos e sua organização em percursos pelos integrantes do projeto. A prática consolidou-se através da realização de roteiros de amplitude crescente, primeiramente, no ambiente escolar, seguindo para um sítio turístico na Zona Sul da cidade, e depois na forma de múltiplas rotas situadas em diferentes bairros. O resultado final foi o "Guia dos Bairros de Porto Alegre", com elementos históricos e fenômenos da geografia urbana ali inventariados, marcas de identidade e diferenciação espacial entre os bairros, formas de acesso por transporte público e elementos julgados turisticamente interessantes.

Palavras-chave: Geografia urbana, Práticas de ensino, Turismo.

* Técnico em Turismo na Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Bacharel em Turismo pela PUCRS. Mestre em Geografia pela UFRGS. E-mail: mauriciopimentel@terra.com.br.

** Professora Adjunta do Depto. de Geografia do IGEO-UFRGS. Mestre em Geografia pela UFRJ. Doutora em Geografia pela UFSC. E-mail: adriana.dorfman@gmail.com

Abstract: This paper presents the experience of uniting Geography and Tourism teaching at Colégio de Aplicação on the second half of 2008. The discipline was grounded on the study of Porto Alegre's metropolitan region, in southern Brazil. The key concepts discussed were: space, territory, place, neighborhood, memory, itinerary and tourist attraction. The pedagogical tools used were thematic cartography, tourist inventory and its display in itineraries by the students. The work started at school environment, moving on to a field trip on the city surroundings, and afterwards on designing different itineraries throughout the city's districts. The final result was "The Porto Alegre Neighborhoods Guidebook", featuring historical elements, urban geography phenomena, spatial identity and differentiation characteristics, how to get to each area by public transport, and some items judged as tourist interesting.

Keywords: Urban geography, Teaching practice, Tourism.

Introdução

Este texto apresenta a experiência da disciplina de Enriquecimento Curricular "Turismo na Grande Porto Alegre – Bases Geográficas", que teve como produto final o 'Guia dos Bairros de Porto Alegre'. A prática foi realizada no Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp) no segundo semestre de 2008. Visamos também trazer à discussão aberta algumas reflexões a respeito da inter(rel)ação entre os campos da Geografia, do Turismo e da Educação, tendo o Espaço Geográfico como articulador do diálogo.

A proposta de "Enriquecimentos Curriculares" (E.Cs.) do CAp vai ao encontro da Lei de Diretrizes e Bases e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PEREIRA; SCARANTO, 2005), que estipulam que ao currículo do Ensino Médio as escolas deveriam acrescentar, além das disciplinas legais, disciplinas diferenciadas a serem escolhidas pelos alunos. Assim, no Colégio de Aplicação da UFRGS, os professores oferecem em média uma dúzia de

disciplinas optativas aos 1º e 2º anos do Ensino Médio. De conteúdo variado, os E.Cs. ocorrem em turno inverso às disciplinas obrigatórias e têm carga horária de dois períodos por semana.

A proposta

Partimos da premissa de que, em algum momento, a maioria de nós passa pela experiência de ser turista. Quem nunca saiu de férias para a praia? Ou para a casa de algum parente no interior? Como turistas, de que modo apreendemos o estar temporariamente em outro arranjo espacial? Ao visitar um lugar desconhecido em nossa cidade, somos turistas? Ou não? Com esses questionamentos iniciais, o E.C. 'Turismo na Grande Porto Alegre – Bases Geográficas' objetivou 1) motivar os estudantes à reflexão sobre a prática turística, relacionando-a com temáticas e conceitos geográficos e 2) instaurar um clima de reflexão e consolidação de conhecimentos sobre diferentes aspectos da Região Metropolitana de Porto Alegre ligados à geografia urbana.

O turismo é uma prática pervasiva de muitas áreas da vida social, além de ter uma grande difusão. Constitui-se em um fenômeno complexo, que facilmente remete às imbricações das múltiplas trajetórias que constituem o espaço geográfico. Além do que, ao remeter as memórias de vivências concretas por parte dos alunos, sua bagagem pessoal torna-se um campo de experiências a partir do qual podem tecer suas reflexões autonomamente. Conforme os relatos dos alunos, sua escolha por este E.C. ligava-se à proposta de intensas atividades práticas, saídas de campo e ruptura dos limites físicos do espaço escolar.

Em relação à estruturação da disciplina, optamos pelo formato de oficina, em que os conhecimentos teóricos eram apresentados e (re)formulados a partir do diálogo com os alunos em torno de textos, de folheteria turística e do relato de experiências pessoais. A isso se aliaram atividades práticas e saídas de campo em que os estudantes deveriam articular o que fora trabalhado

em sala de aula com a realidade de seu Colégio, e da cidade de Porto Alegre.

Um aspecto a ser ressaltado é que a disciplina agregava alunos de três turmas distintas do segundo ano do Ensino Médio e pessoas com formação em Geografia e em Turismo, com práticas profissionais diferenciadas em ambos os campos¹. Disso resultou um diálogo em que trabalhávamos alternadamente com os conceitos de uma e de outra área.

Como produto final do E.C., propusemos aos alunos a formulação de um guia de bairros da Região Metropolitana de Porto Alegre. Cabe sublinhar que os alunos foram sujeitos com autoridade e autoria nesse processo, e não objetos da pesquisa.

O Colégio de Aplicação da UFRGS localiza-se no limite entre Porto Alegre e Viamão e atrai alunos de diferentes municípios da Região Metropolitana. Um dos propósitos do E.C. era dar visibilidade e valor a essa convergência espacial. A heterogeneidade dos territórios pessoais em que cada um circula na região metropolitana também enriqueceu o debate e reflexão sobre as diferenças do espaço. A opção pela escala metropolitana e não a municipal, se deu a fim de valorizar a diversidade dos locais de moradia dos alunos. O conteúdo do guia deveria abranger elementos sintetizados em um percurso (rota), sugerindo deslocamentos em cada bairro².

Os conceitos trazidos da literatura acadêmica e que foram discutidos em sala de aula foram espaço geográfico (SANTOS, 1996); paisagem (BERQUE, 1995); territorialidade (HEIDRICH *et al.*, 2008); espaço turístico (MIOSSEC, 1977; BOULLÓN, 2001); olhar turístico (URRY, 2001); rota, roteiro, roteirização turística e *cluster* de turismo (THOMAZI, 2006; MTUR, 2007); segmentação, diagnóstico e inventário turístico

¹ Participaram como ministrantes o prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni e o Me. Renato Santos.

² O guia foi formulado a partir do subsídio de outro trabalho realizado no Colégio, a pesquisa interdisciplinar "Memória de Bairros", que envolvia todos os alunos do segundo ano do Ensino Médio e conjugava as áreas de Geografia, História, Matemática, Português, Literatura e Artes.

(OMT, 2001). A apresentação desses conceitos na realidade foi feita a partir de materiais de apoio ligados aos espaços turísticos, como guias de viagem e folheteria promocional dos destinos. Esse tipo de texto tem como características o uso de uma linguagem acessível e uma preocupação estética, o que torna agradável o seu manuseio e facilita a proposição de críticas e interrogações sobre os espaços geográficos ali apresentados, se comparado a outras representações geográficas mais complexas e herméticas – para as quais é necessária uma iniciação. Nesse sentido, as ilustrações e a descrição vívida dos lugares facilmente estimulam atitudes projetivas, de imaginarmo-nos inseridos naquele espaço, em que o mapa deixa de ser apenas um desenho para tornar-se o ponto de partida de nossas aventuras. Assim, satisfaz-se certa demanda dos alunos de atividades que lhes apresentem o mundo de forma mais dinâmica e experiencial, mais próxima às suas vivências pessoais.

Em relação à cartografia, por exemplo, nesse material é possível verificar distintos modos de representações do espaço na forma de mapas, certos tipos ilustrados auxiliam em sua compreensão como uma abstração. Pensando no caso de um turista na tarefa de deslocamento em um lugar desconhecido, é possível perceber que não existe uma posição certa ou errada da disposição dos pontos cardeais, mas que para cumprir seu papel de ferramenta para orientação e vivência espacial devemos movimentar o mapa de acordo com as nossas necessidades. A cartografia é permeada por intencionalidades que evidenciam certos aspectos da realidade e omitem outros. Na prática turística são propostos percursos de visita diferenciados em relação a um mesmo espaço. Nesses recortes emergem aspectos da realidade espacial para os quais é estimulada a atenção e visita, enquanto outros permanecem como pontos cegos; ou como ‘espaços mascarados’, no dizer de Lacoste (1977). Isso na teoria do turismo é chamado de segmentação. Quanto à geografia escolar, pode ser um ponto de partida para discutir as diferentes territorialidades presentes no espaço urbano.

Em outro sentido, tanto a Geografia quanto o Turismo se interessam pela singularidade das paisagens como fruto da apropriação social do espaço, ou seja, pela forma em que as relações sociais se manifestam concretamente. Há um movimento contraditório em que o turismo ao mesmo tempo em que se vale das singularidades e da valorização dos lugares como um patrimônio, inclui aquele território em um sistema técnico científico informacional unificado, conduzindo a desintegração de grande parte das práticas e valores sociais anteriores. Em nosso E.C., visitamos uma propriedade que tinha o turismo rural como proposta de uso do espaço. Nessa saída de campo ocorreram situações exemplares e que suscitaram esse debate em sala de aula, conforme veremos na próxima seção deste texto.

Para a oferta da experiência turística, é necessária uma articulação territorial no trabalho conjunto e combinado de distintos setores produtivos e sociais que, direta ou indiretamente, o turismo acaba por envolver. Propomos o exercício ao leitor de refletir e elencar quantas pessoas contribuíram para que sua última viagem fosse possível – do restaurante à produção dos alimentos; do seu transporte ao lugar onde se hospedou, e todos os itens que ali estavam combinados; dos souvenirs e artesanatos ao poder público... a lista é longa. A mesma proposição poderia ser realizada a partir de outro elemento qualquer, como um produto da indústria, ‘de onde vem o biscoito?’, por exemplo. Entretanto, o espaço turístico parece tornar mais evidente como tal articulação territorial não apenas inclui, mas também deixa de fora. Assim, existem áreas das cidades ausentes nos mapas turísticos. Por vezes, não estão articuladas por convencionar-se que ali não há algo interessante a ser visitado; por outras, a carta responde ao interesse específico de seu público-alvo; ou ainda, são aspectos que a sociedade anfitriã não gostaria de apresentar a seus hóspedes. Em um mesmo espaço, pode haver áreas para as quais é atribuída uma carga simbólica bastante densa, e cuja visita parece incontornável, ao passo que outras são consideradas ‘espaços vazios’, onde não há o que desperte interesse. Tais cartas

revelam assim, um recorte de intenções sobre o espaço, recorte que pode ser uma boa entrada no estudo da geografia ao provocar os estudantes a questionarem: como aquele espaço turístico é apresentado? Como é aquela formação sócio-espacial? Que fenômenos geográficos podem ser observados ali? Pode-se, assim, extrapolar tais raciocínios sobre os recortes, intencionalidades e atribuições de valor para os espaços de usos não-turísticos.

A prática

A seguir apresentamos um relato de nossa prática de ensino, e algumas das reflexões que dela decorreram, bem como o resultado materializado na produção do “Guia dos Bairros de Porto Alegre”. O primeiro encontro teve por objetivo motivar os estudantes à reflexão sobre a prática turística, relacionando-a com temáticas e conceitos geográficos. A partir do exame de folheteria turística, exposição de algumas conceituações originadas no Turismo e do debate com os alunos, trabalharam-se noções de espaço geográfico, espaço turístico, paisagem e imagem turística. Na medida em que se alternavam as falas de alunos, da professora de Geografia e dos turismólogos, constituía-se um campo comum para troca de conceitos e experiências.

Na reunião da semana seguinte, analisamos como o espaço geográfico é apresentado e transformado enquanto espaço turístico, recorrendo aos conceitos de rota, roteiro, roteirização turística e *cluster* de turismo³. Ainda nessa aula, vimos que um mesmo espaço abriga diversos tipos de interesse turístico, ou de segmentos – grupos mobilizados por aspectos naturais, por manifestações da cultura, ou com características comuns devido

³ Para apresentação desses conceitos sugerimos: THOMAZI, Sílvia. *Cluster de Turismo – Introdução ao Estudo de Arranjo Produtivo Local*. São Paulo: Aleph, 2006; MINISTÉRIO do Turismo. *Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 7 – Roteirização Turística*. Brasília: 2007. Disponível em: http://institucional.turismo.gov.br/regionalizacao/arqreg/doc_download/modulo%20operacional_7_roterizacao_turistica.pdf. Acesso em 27 de mar. 2009.

a sua idade, ou preferência sexual, por exemplo. Na Geografia, esses recortes podem ser entendidos a partir da ideia de territorialidade⁴. Como prática para internalizar esses conceitos foi proposto um recorrido pelo colégio, em que os alunos deveriam identificar espaços que julgavam exibir interesse a possíveis visitantes da unidade educacional de diferentes 'segmentos': pais, alunos e professores. Na base dessa atividade estavam as noções de segmento, diagnóstico e de inventário turístico.

No terceiro encontro seguimos com o objetivo de exercitar o olhar e produzir uma análise turismológica do espaço cotidiano do CAP. Nessa atividade resgataram-se também as diferentes leituras, memórias e discursos existentes sobre o espaço da escola onde os alunos compartilhavam uma série de histórias, 'lendas', e significados próprios atribuídos àquele lugar, e que não eram evidentes para quem era 'estrangeiro'. Voltando à sala de aula, sistematizamos as informações e lembranças recolhidas ao longo da atividade. Foram estabelecidos dois grupos de alunos, cada qual encarregado de formular um roteiro adequado à possível demanda em visitar o colégio: novos alunos e pais. A partir disso, os discentes do E.C. deveriam elaborar uma rota para cada segmento no próximo encontro. Esse trabalho foi um passo para a produção final da disciplina, o Guia dos Bairros de Porto Alegre.

Em nosso quarto colóquio, revisamos os conceitos trabalhados até então: turismo, rota, roteiro, roteirização, *cluster* turístico e acrescentamos ao nosso debate outras duas noções, a de hierarquização e a de segmentação⁵ dos elementos turísticos por oferta e por demanda. Será que todos os pontos do colégio que os alunos elencaram estimulam o mesmo nível de interesse? Será que diferentes pessoas teriam propósitos diversos ao conhecer o colégio? Nos guias turísticos, presentes na folheteria que havíamos trabalhado nas aulas anteriores, como estavam dispostos e apresentados os elementos do espaço? A partir desses novos

⁴ Uma discussão atualizada do conceito e de temas correlatos encontra-se em Heidrich *et al.* (2008).

⁵ Conceitos também presentes na bibliografia de Turismo sugerida anteriormente.

questionamentos, os alunos deram continuidade ao trabalho iniciado no encontro anterior. Agora, eles deveriam também cartografar as duas rotas em uma planta baixa do colégio que lhes fora fornecida. Nessa atividade foi possível: concretizar a prática das noções de hierarquização e segmentação de elementos do espaço turístico; refletir sobre os diferentes usos e finalidades da cartografia; e meditar sobre a categoria geográfica 'lugar' e os diversos sentidos atribuídos ao espaço por distintos grupos.

Seguimos o trabalho no laboratório de informática. Ali, o foco esteve na redação de descrições do que foi elencado como elemento turístico do colégio, direcionado aos diferentes públicos. Foi então possível refletir sobre a confecção dos materiais de divulgação turística, e suas implicações em termos de um agendamento de leitura do espaço⁶. Nessa atividade era constante a evocação de memórias e experiências dos discentes e docentes a respeito de sua vivência no CAP, havendo uma troca e evidenciando os diferentes 'lugares' e 'territorialidades' existentes no mesmo espaço escolar, tanto por parte dos discentes que ingressaram em distintas épocas, quanto em relação aos docentes e visitantes.

Nosso sexto encontro marcava a transição para outra etapa do E.C., cuja área de abrangência passava do colégio para a Região Metropolitana de Porto Alegre. Como ponto de partida dessa transição, realizamos uma visita a duas propriedades rurais, no bairro Lami, integrantes do projeto turístico Caminhos Rurais⁷. Além da produção orgânica de alimentos como atividade principal, ambos os sítios têm seu complemento na hospitalidade a escolas e turistas. Na reunião anterior à excursão debatemos e preparamos um roteiro que iria orientar nossa visita. O foco de nossa conversa foi o turismo rural. A partir disso foi possível

⁶ Agendamento: categoria da comunicação que designa o estabelecimento heteronímico de uma agenda de prioridades, hierarquizando a informação, sugestionando e recortando no que o público deve-se engajar.

⁷ Projeto fomentado pela Prefeitura de Porto Alegre, e hoje a cargo da Associação dos Caminhos Rurais, cujo fim é promover o Turismo Rural no município. Além do incremento à oferta turística, a iniciativa tem por finalidade subsidiar a manutenção dos habitantes dessas áreas em atividades agrárias. Para maiores informações consulte www.caminhosrurais.tur.br. Acesso em 10 de abr. 2011.

explorar noções de rural e de urbano, e o modo como o turismo nessas áreas rurais é um dos fatores que auxiliava a compreender o rompimento dessa dicotomia na contemporaneidade; também vimos a existência de diferentes espaços ‘rurais’, próprios da relação de cada sociedade com seu meio, e cujas particularidades acabavam por ser valorizadas turisticamente – a colônia de imigrantes italianos, a fazenda de café, a estância pecuarista, a roça... A conversa despertou-nos ainda a curiosidade de indagar aos habitantes das áreas rurais em questão como concebiam o turismo, se havia interferência deste com sua atividade principal, e como eram conciliados esses dois papéis.

Na semana seguinte partimos para os sítios do tio Juca e dos Herdeiros, em que as técnicas agroecológicas seriam o principal tema da visita. Antes do sítio, visitamos a praia do Lami, um balneário do lago Guaíba. Foi possível observar que os pré-conceitos dos alunos direcionavam sua percepção do lugar, que diziam ser poluído, ou próprio de classes populares; incomparável a outras orlas que eram consagradas pelo turismo, em especial de Santa Catarina. Essa situação desencadeou uma conversa sobre a valorização diferencial do espaço geográfico, e o modo como é apropriado no capitalismo.

No sítio do tio Juca organizou-se um debate em torno de uma mesa ao ar livre, quando o proprietário relatou sua biografia e a história de sua terra, da produção orgânica, das experiências de cooperativismo e da sua participação na proposta turística dos Caminhos Rurais. Além disso, nosso entrevistado comentou sobre as formas de divulgação e organização das visitas e sobre os diferentes segmentos atendidos em seu sítio. Depois da entrevista realizamos o recorrido dos espaços produtivos, propostos aos turistas em geral. O que se percebe ao fim é que a narrativa pessoal do tio Juca anima a paisagem mediando a percepção do lugar pelo turista. Isso foi discutido em sala de aula, com o apoio da teoria de MacCannel (2006), que se refere a um elemento turístico como algo que significa para alguém. Para ganhar o estatuto turístico é necessário haver algum marcador, alguma informação,

que aponte para o objeto em questão. Por vezes, são atribuídos marcadores com conotação negativa, como à praia do Lami, e que direcionam a percepção do elemento. Em outros casos, como na visita ao sítio do Tio Juca é o próprio marcador, mais do que o elemento em questão, que anima o interesse turístico. Esses exemplos deveriam ser levados em consideração pelos discentes na elaboração do trabalho final da disciplina.

Procedemos à visitação do Sítio dos Herdeiros, vizinho ao anterior, onde as perguntas do roteiro da aula anterior foram realizadas durante o passeio, em meio às plantações. Ali também as técnicas agroecológicas eram o centro da explanação. Já em sala de aula, avaliando a visita, os alunos perceberam uma contradição entre os diferentes usos e propostas decorrentes da utilização do espaço para o turismo e para produção agrícola, fonte primária de renda das famílias. O ponto de partida foi o fato de um produtor não usar calçados. Por um lado, o turismo, ao tornar público o trabalho, cria uma preocupação com a estética e a higiene, o que, em contrapartida, pode levar à descaracterização da ‘autenticidade’ buscada pelos turistas que procuram uma experiência em meio rural. Os alunos concluíram que do encontro de grupos e agentes com intencionalidades diferentes num mesmo espaço surgem dilemas relativos à refuncionalização dos lugares e das materialidades ali presentes, contrapondo ‘modernização’ e costumes, rural e urbano.

O produto

Como resultado final do E.C. propusemos aos alunos a formulação de um guia de alguns bairros da Região Metropolitana de Porto Alegre, que deveria abranger elementos históricos e fenômenos da geografia urbana dos bairros, marcas de sua identidade e diferenciação espacial, formas de acesso por transporte público, e elementos julgados turisticamente interessantes.

Esse conjunto seria sintetizado em um percurso (rota) traçado no mapa, sugerindo deslocamentos em cada bairro.

Em relação ao formato, debatemos e escolhemos a apresentação em um portfólio, uma pasta onde cada bairro seria apresentado num fascículo destacável. A elaboração dos textos e dos traçados das rotas implicava uma confrontação pessoal dos alunos em relação ao que julgavam ser, ou não, importante em cada bairro. Foi um exercício interessante, pois instigava, de um modo prático e particular, a meditação pessoal sobre a realidade espacial. Os alunos concluíam que nem sempre o caminho mais curto era o mais belo ou mais cativante – apontando para a questão do espaço geográfico como algo eminentemente relacional e, por isso, dinâmico.

Quanto ao conteúdo de geografia urbana, a experiência do Guia nos possibilitou reflexões interessantes sobre a categoria bairro. Esperávamos um interesse dos discentes pelos seus locais de moradia e vivência cotidiana, mas o que se verificou foi a escolha por áreas tradicionais da cidade (Centro, Bom Fim, Cidade Baixa, Moinhos de Vento, Azenha etc.) com maior densidade representacional como ‘bairros’, por eles associadas aos relatos mais difundidos sobre a história da cidade, com o lazer, as classes média e alta, a produção e o consumo culturais. Frequentemente, os questionamentos dos alunos mostravam que a entidade ‘bairro’ não lhes parecia adequada para descrever as vilas, paradas e loteamentos onde residem.

Uma situação imprevista foram os inconvenientes ao optarmos por utilizar como ferramentas de apoio os computadores do laboratório de informática. Em um primeiro momento parecia uma excelente alternativa para a celeridade e ludicidade do trabalho, já que cada aluno poderia concentrar-se em certo aspecto de certo bairro e existia uma base de dados para intercambiar os arquivos. O que acabou acontecendo foi certa dispersão dos alunos, que encaram o computador como um ‘espaço de lazer’, dando acesso a Orkut, MSN, Blogs e afins. Ainda percebeu-se uma fragmentação de esforços, com cada um em sua máquina, era

difícil o entrosamento e a visualização de um andamento profícuo na construção do guia. Essa atomização tornou o trabalho um tanto monótono e desarticulado. Em virtude do tempo limitado, não optamos pela alternativa que talvez fosse mais fecunda: em um grupo único debater os aspectos de cada bairro, e construir conjuntamente o guia aos poucos, pois além de um maior controle e percepção do andamento dos trabalhos, teríamos a oportunidade de explorar melhor os aspectos da geografia urbana de cada seção do guia, além de manter a coesão do grupo. Ainda assim, o grupo se encontrou depois do encerramento das aulas para concluir o guia, o que demonstrou seu empenho no projeto.

As conclusões temporárias

A partir da experiência desse E.C. e da prática pedagógica de elaboração do ‘Guia Turístico da Região Metropolitana de Porto Alegre’, podemos perceber a proficuidade do diálogo entre Geografia e Turismo para a experiência escolar. Em contraponto a atividades escolares cercadas de desânimo, buscamos partir da preocupação estética, da linguagem acessível e das descrições vívidas dos lugares presentes na literatura turística para estimular atitudes projetivas nos alunos. Os mapas deixam de ser apenas desenhos para se tornarem o ponto de partida de aventuras, registros de vivências pessoais trazidas à tona e subsídio para reflexão sobre sua inserção no mundo e sua relação com o espaço geográfico.

Entre as diversas possibilidades existentes a partir da inter-relação Geografia e Turismo, a elaboração de um Guia também nos parece ter sido uma proposta bem-sucedida. Em primeiro lugar, por deixar um registro e criar um produto das atividades escolares, diferenciando-se da usual inocuidade dos exercícios cujo único propósito é cumprir com a obrigatoriedade de sua realização. Em segundo lugar, porque instigou os alunos a uma reflexão autônoma em relação ao espaço geográfico urbano, a

partir de questionamentos, problemáticas e dúvidas que iam surgindo nessa elaboração pessoal de uma narrativa sobre o espaço onde circulam.

De modo mais amplo esperamos que a interação entre Geografia e Turismo no ambiente escolar possibilite a formação de sujeitos viajantes com habilidades de orientação espacial; que demonstrem interesse inquisitivo na sua vivência espacial aqui e alhures; que exijam mais conteúdo em suas viagens; que tenham consciência dos efeitos que sua presença e suas práticas podem ocasionar; que permitam ao lazer tornar-se uma oportunidade de aprendizagem.

Referências

ASSOCIAÇÃO DOS CAMINHOS RURAIS. *Caminhos Rurais de Porto Alegre*. Disponível em www.caminhosrurais.tur.br. Acesso em 20 de abr. 2011.

BERQUE, Augustin. *Les raison du paysage: de la Chine antique aux environnements de synthèse*. Paris: Házan, 1995.

BOULLÓN, Roberto. *Planificación del espacio turístico*. 3 ed. México: Trillas, 2001

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. *A Geografia do Espaço Turístico, como construção complexa da Comunicação*. Tese de Doutorado – Faculdade de Comunicação Social da PUCRS. Porto Alegre, 2004.

HEIDRICH, Álvaro *et al.* (Orgs.). *A emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço*. Canoas: EdULBRA; Porto Alegre: EdUFRGS, 2008, 312p.

LACOSTE, Yves. *A quoi sert le paysage? Qu'est ce un beau paysage?*. *Héredote*, n. 7, Paris, 1977.

MACCANNELL, D. *The Tourist: A New Theory of the Leisure Class*. Los Angeles: California Press, 2006

MINISTÉRIO DO TURISMO. *Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 7 Roteirização Turística*. Brasília,

2007. Disponível em http://institucional.turismo.gov.br/regionalizacao/arqreg/doc_download/modulo%20operacional_7_roteirizacao_turistica.pdf. Acesso em 10 de mar. 2009.

MIOSSEC, Jean-Marie. L'Image touristique comme introduction à la Géographie du Tourisme. *Annales de Géographie*, v. 473, p. 55-69, 1997.

OMT. *Introdução ao Turismo*. São Paulo: Roca, 2001.

PEREIRA, Fábio Gai; SCARANTO, Thaís Rosset. O espírito Ocidental e o espírito Oriental. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan./jun. 2005.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2006.

THOMAZI, Sílvia. *Cluster de Turismo – Introdução ao Estudo de Arranjo Produtivo Local*. São Paulo: Aleph, 2006.

URRY, J. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. 3 ed. São Paulo: SESC, 2001